

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS
CURSO DE JORNALISMO

ANA JULIA DE OLIVEIRA PALOSCHI

TROPEIRISMO NO VALE DO PARAÍBA
Um elo entre o presente e o passado

SÃO PAULO
2º SEMESTRE 2019

ANA JULIA DE OLIVEIRA PALOSCHI

TROPEIRISMO NO VALE DO PARAÍBA

Um elo entre o presente e o passado

Relatório Final do TCC II (Trabalho de Conclusão de Curso), apresentado ao Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, para obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo, sob a orientação do Prof. Ms. Arnaldo Lorençato.

SÃO PAULO

2º SEMESTRE 2019

RESSALVA

Este Trabalho de Conclusão de Curso não reflete a opinião da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Seu conteúdo e abordagem são de total responsabilidade de seu autor.

LINK DA PEÇA

<https://youtu.be/wXVWrJXoIU> - data do último upload: 13/11/2019

Este trabalho é dedicado à toda a minha família, que sempre me apoiou e esteve ao meu lado em todas as minhas decisões.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer à minha mãe, Alexandra Oliveira e ao meu padrasto e futuramente colega de profissão, Gerson Monteiro, que acima de qualquer dificuldade, sempre incentivaram a seguir os meus sonhos. Ajudam-me em todas as situações e são essenciais em minha formação pessoal e profissional.

Aos meus amados avós, Arailde Oliveira e Luiz Roberto de Oliveira, minha gratidão pela criação que me ofereceram e toda preocupação durante esses quatro anos de graduação que vivi longe de casa. Se hoje estou perto de realizar um sonho, só foi possível por todo amparo que eu e minha mãe recebemos de vocês. Também agradeço a toda minha família que acreditou no meu sonho e sempre se fez presente em minha vida.

Gostaria de agradecer ao meu orientador, Prof. Ms. Arnaldo Lorençato. Desde que apresentei o tema, me ajudou com ideias e orientações claras e precisas, sendo objetivo e apontando o que ainda poderia ser melhorado.

Agradeço ao meu namorado, Fernando, que contribuiu não só com o seu apoio, mas que em muitos momentos importantes esteve presente e se fez muito paciente.

Às minhas amigas e amigos que fiz na faculdade, o meu muito obrigada por compartilharem desses anos maravilhosos e de muito aprendizado.

Por fim, agradeço aos meus entrevistados que sempre foram muito gentis e solícitos em todos os nossos encontros.

“Meu pai chegou aqui num fim de dia,
Há muito tempo em cima de um cavalo
E era pobre e moço e só queria
Semear de calo as mãos de plantador
Com minha mãe casou-se assim que pode
Acharam um rancho no jeito e na cor
Da terra boa e semeou o milho
E semeou os filhos, e semeou o amor.”

Renato Teixeira – Sina de Violeiro

RESUMO

Todos os dias nos reinventamos como indivíduo, conhecemos novas culturas e absorvemos novos costumes na sociedade. Esse cenário pode trazer questionamentos sobre as nossas raízes e culturas. Impulsionado por esse propósito, este trabalho foi criado com o intuito de mostrar como a cultura sobrevive em meio a tanta novidade que diariamente afeta a vida da população. Refazendo a andança de um tropeiro no Vale do Paraíba e mostrando como a cultura caipira ainda faz parte da vida de quem mora nessas cidades, é possível notar que muito dos costumes ainda é mantido e preservado por pessoas que se importam com a tradição que vem desde o século XIX. Deste modo a tradição tropeira é enaltecida em variáveis vertentes como a gastronomia, a música e a relação com a fé.

Palavras-chaves: Documentário; Cultura; Jornalismo; Tradição; Tropeiro; Tropeirismo; Vale do Paraíba

ABSTRACT

Every day we reinvent ourselves as individuals, know new cultures and absorb new costumes in society. This structure can raise questions about our origin and cultures. Driven by this, this work was created in order to introduce how culture survives in the midst of so much news that daily affects the life of the population. Redoing a tropeiro's wanderings in the Paraíba Valley and showing how the rustic culture still goes through the lives of those who live in these cities, it is possible to notice that many habits are still kept and preserved by people who care about the tradition that comes from the nineteenth century. This way the tropeiro's habits is praised in different ways like gastronomy, music and relationship with faith.

Keywords: Documentary; Culture; Journalism; Tradition; Tropeiro; Tropeirismo; Paraíba Valley

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. REFERENCIAL TEÓRICO.....	13
1.1 Cultura Popular.....	13
1.2 Cultura Popular no Vale do Paraíba.....	14
1.3 Documentário.....	15
2. DESENVOLVIMENTO DA PEÇA.....	16
2.1 Pesquisa, apuração e execução.....	16
2.2 Entrevistas.....	18
2.3 Edição.....	19
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	20
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	22
APÊNDICES.....	24

INTRODUÇÃO

Este projeto teve como finalidade a produção de um documentário sobre a cultura caipira no Vale do Paraíba.

Mesmo com a tecnologia que a cada dia se reinventa, ainda é possível encontrar lugares que fazem questão de preservar as suas raízes. Exemplo disso é o Vale do Paraíba, no interior de São Paulo, às margens da Rodovia Presidente Dutra (BR-116). Aziz Ab'saber, geógrafo nascido na região, explica que esse nome é por conta da Bacia Hidrográfica do Rio Paraíba do Sul e delimita apenas uma parcela socioeconômica localizada no início do rio que, mais a frente, chega a cortar quase todo o estado do Rio de Janeiro (AB'SABER, 2007).

De acordo com o último levantamento feito em 2010 pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), o Vale do Paraíba é formado por 39 municípios e seu espaço possui 16.180km². Até a data do estudo, isso representava mais de 5% da população do Estado de São Paulo.

Por estar em uma boa localização e contar com terras ricas em minerais, o plantio do café transformou a região e a deixou internacionalmente conhecida por ser o lugar que mais exportava café no mundo no século XVIII. Apesar dessa cultura ter início antes da época cafeeira, foi após o declínio deste momento que a fase tropeira passou a ser mais que uma atividade econômica local e, nascia ali, um novo modo de vida: o caipira. Em toda a extensão regional, a atividade tropeira tornou-se um hábito e com regras bem pontuadas.

Em toda essa área e mais um pouco da Serra da Bocaina, o tropeirismo foi marcado por costumes peculiares e por abranger diversos tipos de atividades comerciais. Cavalos, burros e mulas eram o meio de transporte encontrado para fazer o traslado de uma cidade a outra com mercadorias para vendas, escambos e desbravar novos caminhos. O caipirismo é acanhamento, gesto de ocultar o rosto: neste caso temos a raiz 'caí' que quer dizer: 'gesto de macaco ocultando o rosto'. 'Capiara', que quer dizer o que é do mato. 'Capiã', de dentro do mato: faz lembrar o 'capião' mineiro. 'Caapi' — trabalhar na terra, lavrar a terra — 'caapiara' lavrador. E o caipira é sempre lavrador, segundo Cornélio Pires (1987).

Por estarem sempre à procura de novos lugares com terras férteis e movimentações comerciais da época, os tropeiros são considerados como os responsáveis pela abertura das estradas que hoje cortam a região. Desde então foram herdadas muitas tradições que resistem e são presentes na vida da população local.

Desse modo, como um documentário pode revelar o modo como a cultura caipira resiste no Vale do Paraíba através de um caminho feito por um tropeiro?

Visando responder essa questão, este trabalho teve como objetivo, primeiramente, mostrar como atualmente resiste, em muitos momentos de forma intuitiva, a memória construída sobre essas pessoas que ajudaram na atual configuração regional. Também mostrar como costumes atuais se misturaram com os costumes tropeiros e assim, apresentar como a tradição se mantém viva e se faz necessária para conhecer as cidades que pertencem ao Vale do Paraíba e a história dessa população tão representativa no estado de São Paulo.

Para realizar o meu objetivo, refiz o trajeto de vida de meu bisavô e tropeiro, José Rodrigues de Souza, que nasceu em Silveiras e passou por algumas outras cidades. O início foi sua cidade natal, em seguida passei por Lavrinhas e, por último, São Luiz do Paraitinga finalizando onde ele terminou sua vida. Assim, apresentei detalhes da história regional de uma maneira mais ampla, entretanto, tendo como fio condutor um motivo pessoal e familiar.

A ideia de falar sobre um tópico ou assunto, uma pessoa ou indivíduo, empresta um ar de importância cívica a esse trabalho. (...) Comparada com “que história vou contar?”, a pergunta “sobre o que vou falar?” dirige nossos pensamentos para a esfera pública e para o ato social de falar aos outros sobre um tópico de interesse comum. Nem todos os documentários adotam essa postura, mas ela está entre as formas mais comuns de estruturar um documentário. (NICHOLS, 2005, p. 25)

O intuito do estudo foi mostrar como cada cidade onde José passou tenta manter a tradição caipira que em minha família ainda se faz muito presente. Além de ser um tema que marcou a história do estado de São Paulo e suas configurações atuais.

No documentário, o estilo deriva parcialmente da tentativa do diretor de traduzir seu ponto de vista sobre o mundo histórico em termos visuais, e também de seu envolvimento direto no tema do filme. Ou seja, o estilo da ficção transmite um mundo imaginário e distinto, ao passo que o estilo ou a voz do documentário revelam uma forma distinta de envolvimento no mundo histórico. (NICHOLS, 2005, p. 77)

O produto final foi elaborado para conseguir transmitir informação, aumentar o conhecimento cultural de maneira simples e de forma transparente para diversos tipos de público. O documentário representa o mundo histórico ao moldar seu registro fotográfico de algum aspecto do mundo de uma perspectiva ou ponto de vista diferente (NICHOLS, 2005). Ou seja, um documentário jornalístico pode ser um dos meios mais adequados para o registro histórico e a construção da memória coletiva.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 Cultura Popular

A cultura popular é considerada pelo conjunto de diversos elementos específicos de uma região ou sociedade. O que caracteriza a cultura pode ser encontrado pela gastronomia, literatura, arte, danças, músicas, festas e etc.

O complexo dos modos de vida, dos usos dos costumes, das estruturas e organizações familiares e sociais, das crenças do espírito, dos conhecimentos e das concepções dos valores que se encontram em cada agregado social: em palavras mais simples e mais breves, toda atividade do homem entendido como ser dotado de razão. (SATRIANI, 1986, p. 41)

Entre linguagens que definem certa população está a música. No caso do caipira ou caboclo, como é chamado em outras regiões, para *ajuntar* os vizinhos e se divertir depois de um dia de trabalho com agricultura, na roda de fogo, tocavam viola e cantavam modas. A viola caipira é o coração da música brasileira (NEPOMUCENO, 1999).

Esculpida num toco de pau com dez cordas de tripa e tocos cravelhais, deu forma às melodias e cadência às poesias que aos poucos definiram o perfil musical do povo da terra. (NEPOMUCENO, 1999, p. 55)

A cultura nacional e a cultura regional – no Brasil, por exemplo, defende-se a ideia de várias culturas regionais e não de uma cultura heterogênea – também produzem sentidos sobre a identidade dos indivíduos. Cada região brasileira é marcada pela sua gastronomia

Comida não é apenas uma substância alimentar, mas é também um modo, um estilo e um jeito de alimentar-se. E o jeito de comer define não só aquilo que é ingerido, como também aquele que o ingere. (DA MATTA, 1986, p.56)

1.2 Cultura Popular no Vale do Paraíba

O Tropeirismo marcou a alteração no modo de viver de uma população. A atividade foi fundamental para a expansão comercial e crescimento populacional no que hoje é conhecido como Vale do Paraíba. O papel do tropeiro, no século XIX, pode ser visto como a síntese entre dois fatores: tecnologia rudimentar e grande empreendimento mercantil, pois, devido ao traçado das estradas que conectam o litoral ao interior do Brasil – mal conservadas, extremamente estreitas e sinuosas –, apenas a mula de carga reunia condições de trafegar pelos tortuosos caminhos que serviam ao escoamento da produção cafeeira para os portos, de onde seguiam para os mercados consumidores no exterior (FRANCO, 1983).

Por conta das más condições de trajetos e necessidade de descanso tanto do tropeiro quanto dos animais, eram erguidos ranchos, locais que serviam para abrigar a tropa no final de cada dia.

Depois de estabelecidos os ranchos, os fazendeiros não tardavam em erguer uma capela, símbolo de sua devoção, em seguida instalava-se uma pequena venda para suprir as necessidades básicas dos tropeiros e viajantes em geral que por ali trafegassem. Depois, algumas famílias fixavam moradia no entorno e estava dado o ponto de partida para o estabelecimento de mais uma vila no interior do país. (ALMEIDA, 1981, p.19)

A relação do tropeirismo está intimamente ligada à gastronomia que marca a região até os dias de hoje. Naquela época, era comum comer aquilo que cultivava em seus próprios territórios, o que conhecemos hoje como agricultura de subsistência. Dessa forma, o “cozinhar” era simples, usava-se praticamente aquilo que é considerado como natural, derivado da terra. As receitas típicas da região são marcadas por fortes temperos e uso de muita carne e legumes.

Muitas dessas receitas são comumente lembradas apenas em festejos pontuais, como é o caso do *fogado*, prato servido com arroz, feijão, carne cozida com batata e macarrão, em São Luiz do Paraitinga. Ainda assim, São Paulo está a perder a sua tradição culinária e devemos recuperá-la (BELLUZO, 2008). A festa do *Divino Espírito Santo* que ocorre anualmente no mês de junho, onde é distribuído o prato típico para as pessoas, é uma manifestação que, segundo João Leiva (2014), pode ser consideradas como fato social, conjuntos de cerimônias, de rituais coletivos que visam a celebrações de cunho religioso ou profano que durante a realização, as

peças não são apenas observadores, consumidores, mas sim, sujeitos das ações, atores.

As comunidades, por vezes um número inimaginável de pessoas, se envolvem em todas as etapas: na preparação, que não raro, significa meses de trabalho, no cerimonial (ao mesmo tempo de fruição e de atuação), no rescaldo e no retorno à rotina. Nessas festas estão inseridos os folguedos – congo ou congadas, moçambiques, folias ou caia-pós -, representações que se dão por vezes em cortejo. Têm por cenários ruas e praças públicas das cidades, especialmente nos dias de festa em louvor dos santos padroeiros e do calendário litúrgico ou profano. (LEIVA, 2014, p. 142)

Essa festa é um grande exemplo de união de diferentes formas de cultura: ela une apresentações e cultos religiosos, gastronomia típica e apresentações musicais e mostra a cultura paulista tradicional. Assim é que tem estado em evidência aquela que convencionamos chamar a face recatada de São Paulo, sua cultura identitária, que se espelha em tantos traços multifacetários. É um universo cultural dinâmico, que resiste aos tempos e se renova constantemente (LEIVA, 2014).

1.3 Documentário

O documentário é uma linguagem audiovisual que oferece mais liberdade para desenvolvimento das ideias e também maior liberdade estética em relação ao formato reportagem, composto de cabeça, *off*, sonora e passagem.

A primeira etapa para construir um produto neste formato é realizar pesquisas sobre o tema, assim como fazer seleções de informações para ver o que será cabível à peça. Segundo Rosenthal, o que direciona a pesquisa é a hipótese de trabalho, ou seja, “dentro dos limites de seu assunto, você deve tentar descobrir tudo aquilo que for dramático, atraente e interessante” (ROSENTHAL, 1996, p.37).

Apresentando fatos e experiências reais, o documentário é um produto que exige maior flexibilidade e cuidado durante a captação e edição do conteúdo, para deixar esclarecida a mensagem ao receptor sem distorcer qualquer realidade.

Documentários de arquivo, históricos ou biográficos, podem ser “escritos” antes do início das filmagens. O mesmo já não ocorre se a abordagem do assunto exigir o registro de um evento que não esteja necessariamente vinculado à vontade de produção do filme, como documentários que exploram um corpo-a-corpo com o real, aspecto que define a estilística do Documentário Direto [...] Essa ausência de roteiro, às vezes valorizada e defendida naquilo que seria a diferença principal entre documentário e ficção, antes de ser um facilitador contribui para gerar dúvidas frequentes

entre aqueles que buscam iniciar carreira como documentaristas. (PUCCINI, 2009, p.177)

Em comum com o jornalismo, o documentário tem o foco de retratar a realidade, investigando, pesquisando e apresentando o conteúdo com veracidade. Desse modo, o documentário muitas vezes é fundamentado nas relações subjetivas do passado e presente, mostrando como episódios que aconteceram anos atrás podem estar presentes no dia a dia.

2. DESENVOLVIMENTO DA PEÇA

2.1 Pesquisa, apuração e execução

Primeiramente, a metodologia que se utilizou para entender o que é o tema em si foi a pesquisa e a apuração de dados através de livros que narram a história de toda uma população. Rosa Jamile Japur, Monteiro Lobato e George Oliven foram alguns dos autores lidos para compreender mais sobre a cultura abordada. Esta pesquisa se fez necessária para entender a identidade cultural caipira e tropeira e os elementos simbólicos que nele estão envolvidos, deixando de lado qualquer ligação emocional relativa ao tema.

Após, ter maior embasamento teórico e um repertório mais rico sobre o assunto, consegui desenhar quais seriam boas opções de entrevistados e o que eles poderiam agregar ao meu trabalho. Estudei possibilidades nas três cidades do Vale do Paraíba escolhidas (Silveiras, Lavrinhas e São Luiz do Paraitinga), e em cada uma tentei dar atenção a um tema diferente, mas todos com o mesmo ponto em comum: o tropeirismo e a cultura caipira.

A primeira cidade, situada mais ao fundo do Vale, Silveiras, foi usada para introduzir ao assunto e deixar em destaque a relação com a gastronomia. Por isso, entrevistei o chef que hoje cuida do *Restaurante do Ocílio*, conhecido pela farofa de Içá feita através da mistura de farinha e Içá frito na banha de porco. Na segunda, Lavrinhas, escolhi falar sobre música, focando na viola caipira, por ter sido palco de mais de 15 edições do *Festival de Viola Caipira* realizados pelo Sr. João, um de meus personagens. Por último, São Luiz do Paraitinga, foi escolhida para fechar o roteiro com duas entrevistas sobre a ligação da fé com as manifestações culturais que ainda se mantém presente. Para essa parte, entrevistei o casal Sr. Zinho e Dona

Rosa, que ajudam há mais de 20 anos o preparo da *Festa do Divino*. Esses três aspectos são referência na vida do caipira local.

Com o intuito de fazer esse raciocínio predefinido ser desenrolado sem amarras durante todo o documentário, busquei utilizar uma linguagem simples e leve. Além disso, tive a intenção de fazer que a narrativa falasse por si mesma, sem necessitar da intervenção constante de um narrador em *off* ou de muitas legendas.

Para a execução, utilizei a técnica do documentário participativo, que segundo Nichols (2005) enfatiza a interação do cineasta e tema. A ideia é enfatizar a verdade como se vê e não uma verdade manipulada por atores e cenas, essa técnica ajudou quando os entrevistados sentiam-se envergonhados por estar com uma câmera por perto. Também utilizei técnicas do documentário observativo. Ele representa, “a vida no momento em que ela é vivida” (NICHOLS, 2005, p. 150). Os agentes sociais, ou personagens, excluem a presença do cineasta, tornando a realidade mais convincente, mais pura, porém essa realidade sempre estará sob o ponto de vista de alguém. Foi assim, observando uma atividade no dia 19 de junho, por volta da meia noite, enquanto as carnes eram cortadas para o preparo do *fogado*, em São Luiz, que conheci uma de minhas melhores fontes, o Sr. Zinho.

Para realizar as gravações utilizei da câmera *Nikon D7200*, a câmera de um *Iphone X* e um *Samsung S10*. Também fiz imagens de apoio com a *Go Pro*, no entanto, comparada as outras imagens e pelo estilo da peça, não acredito que tenham ficado boas o suficiente e, por isso, preferi deixá-las de lado. Grande parte das imagens captadas e utilizadas no documentário foi feita durante o mês de setembro. Já havia gravado todo o material que seria necessário anteriormente, mas, infelizmente, foi roubada no dia 11 de setembro e todo meu conteúdo foi levado, ficando apenas algumas imagens de apoio da festa de São Luiz do Paraitinga. Também por conta disso, contei com ajuda de meu padrasto, Gerson Monteiro, para a captação de novas imagens.

Mesmo assim decidi que iria refazer o que fosse necessário para completar o trabalho. Contei com a ajuda de meus pais e viajei novamente para todas as cidades, onde refiz todas as entrevistas e novas imagens. Com isso, foram cerca de seis finais de semana captando o conteúdo.

2.2 Entrevistas

A abordagem usada com os personagens na maioria das vezes foi através da boa observação e conversa. Como o tema permite uma imersão, aproveitei que a maioria das cidades que formam o Vale Histórico no Vale do Paraíba são construídas ao redor de praças, e as visitei em busca de fontes. Afinal, estes são os lugares onde as pessoas costumam se encontrar e conversar, principalmente os idosos, que certamente tem uma boa experiência de vida e bagagem para dividir conosco.

Por tratar de um assunto sem grandes pontos delicados, não encontrei resistência por parte das pessoas abordadas para as entrevistas. Ao contrário, todos foram gentis e muito acolhedores. Emocionei-me em alguns momentos, principalmente quando todos se mostraram solidários e disponíveis, mais uma vez, para gravar o material que já tinha sido feito uma vez. As entrevistas foram feitas na casa de cada entrevistado.

No total, foram cinco entrevistados que encontrei nessas visitas de imersão e minha avó, Arailde Oliveira, 76 anos, como fio condutor e contado a história de seu pai, José Rodrigues, vivendo em tropas. Eles são:

- Silveiras - Mateus Araújo, 33 anos, chef e dono do *Restaurante do Ocílio*;
- Lavrinhas – João Luiz de Oliveira, 71 anos, agricultor aposentado e Reinaldo Oliveira, 34 anos, engenheiro;
- São Luiz do Paraitinga – José Eugênio Filho (Zinho), 82 anos, agricultor aposentado e Rosa Maria Antunes, 64 anos, professora aposentada.

A minha procura foi por personagens que não tivessem títulos de especialistas no assunto. Queria trazer um tom de quem realmente viveu e vive a vida caipira de forma natural e intuitiva. Os mais novos, por exemplo, Mateus e Reinaldo, de 33 e 34 anos respectivamente, apesar de não terem vividos os anos em tropas com pais ou avós, foram criados com essa cultura e trabalham para mantê-la viva.

De alguma forma e não muito distante, todos os personagens tem relação com o tropeirismo: os mais velhos, como minha avó, Sr. João e Sr. Zinho, viveram as

andanças em tropas com a família. Os mais novos cresceram e respiraram a mesma cultura, que acreditam ser fundamental sua preservação.

2.3. Edição

Depois de captar as imagens, sonoras, entrevistas e dados, contei com a ajuda de Ana Carolina Freitas. Nesta parte do processo de construção do produto, ela me auxiliou na sobreposição e cortes das entrevistas com imagens ao fundo, deixando que a história fosse narrada pelos personagens e trazendo um tom de poesia para o material. O mérito das reflexões que a relação das imagens e do áudio que um documentário pode causar é predominantemente da edição e, por isso, escolhi contar com um apoio.

Os sons tem muita importância, principalmente os que remetem a cultura caipira: o barulho dos animais, o andar e até mesmo o silêncio são detalhes que quis atenuar na edição colocando em conjunto com imagens que também transmitem essa riqueza de detalhes. Este meio também é muito importante, pois o arranjo de sons e imagens acarreta a organização e elaboração lógica do produto final. O documentário, como sequência organizada de sons e imagens, constrói metáforas que atribuem, inferem, confirmam ou contestam valores que cercam as práticas sociais sobre as quais, nós, como sociedade, continuamos divididos (NICHOLS, 2010, p.107).

Por outro lado, a voz do entrevistado pode ser utilizada para diversos tipos de efeitos dentro do documentário, segundo Lins e Mesquita (2008). Desta forma, as sonoras foram utilizadas como forma de narração em pequenas partes da peça. Para cada nova cidade que está sendo citada, pedi para ser feito um mapa em animação e assim, como todo o resto do conteúdo, simplificar e mostrar sobre o lugar que irá ser abordado na sequência.

Não tive nenhum problema quanto à edição, apenas pelo imprevisto que tive com o roubo do material, acabei passando para a pessoa que iria me ajudar com certo atraso na data limite de entrega do produto. Entendendo a situação, Ana Carolina correu com os prazos e conseguiu entregar um vídeo faltando pequenos ajustes. Passei para ela um roteiro já com a minutagem e arquivos que queria que fossem usados, acredito que isso tenha sido um facilitador nessa hora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o último ano, ao realizar a pesquisa sobre o tema que iria abordar, descobri muito mais que a história de uma população e dados sobre ela: consegui entender melhor minhas raízes. Entendi o significado de muitas crenças, atitudes e visões diferentes de um mesmo universo.

Através da peça que produzi, senti-me muito desafiada em ter que mostrar vidas e histórias que se cruzam com uma cultura tão rica e importante. Para isso, procurei trazer relatos verdadeiros e experiências reais que a valorizassem. Acredito que este ponto tenha contribuído para a resposta da pergunta-problema deste projeto: “como um documentário pode revelar o modo como a cultura caipira resiste no Vale do Paraíba através de um caminho feito por um tropeiro?”.

Como base de estudo, utilizei-me de boas referências bibliográficas, caminhei por diversos autores sobre cultura popular, cultura regional, gastronomia, música entre outros assuntos e abordei essas temáticas durante a peça. Partindo do ponto em que todas as fontes e personagens tem extrema ligação com o tema através de sua própria criação e vivência, explorei e permiti que eles próprios transmitissem e explicassem sobre os temas abordados.

Este trabalho de conclusão de curso trouxe grandes experiências em minha vida. Como tive de ir pessoalmente a algumas cidades para conhecer pessoas e apurar histórias, pude ter a oportunidade de encontrar seres humanos maravilhosos que, muito além de apenas desatar a falar sobre seus “causos”, enxergaram em mim e neste trabalho a possibilidade de valorizar algo que muitas vezes é deixado de lado: nossa cultura.

Após o desligar da câmera, em cada lugar que eu passava eram mais algumas horas de conversas, cafezinhos e almoços. Todos eram de origem simples, trabalharam parte de vida em roças e plantando para viver, não chegaram a terminar o primário, mas a receptividade e carinho com que era recebida fazia-se o luxo de cada casa visitada. Entretanto as pessoas com quem mais convivi na capital paulista não faziam ideia deste “mundo interiorano”. Enxerguei então a possibilidade de unir o assunto ao jornalismo e assim, ajudar na informação e estudo de uma cultura pouco conhecida para muitos.

A prática jornalística para mim sempre foi além de contar história; está em mostrar novas realidades, ressignificar aspectos na vida de outras pessoas e tocá-las através de narrativas relevantes. Por conta disso, utilizei de um fio condutor pessoal, para atravessar um assunto histórico e extenso.

Busquei sempre utilizar de linguagens simples, sem florear e complicar o entendimento de quem esteja assistindo. Fiz uso de palavras comuns, sem grandes dificuldades de raciocínio por dois motivos: o primeiro é pelo fato de que nos lugares que foram procurados não se tem o costume de refinar a fala, e isso não quer dizer que eles estejam errados, ao contrário, é o estilo daquele lugar e das pessoas que ali vivem. O segundo é consequência do último, os próprios personagens deram vida a narrativa.

Por fim acredito que este trabalho tornou-se um projeto que uniu o jornalismo e a cultura de uma forma em que valores e propósitos andam lado a lado.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

- ALMEIDA, Aluisio de. ***Vida e morte do tropeiro***. São Paulo: Martins; EDUSP, 1981.
- AB' SABER, Aziz Nacib. ***O que é ser geógrafo: memórias profissionais de Aziz Ab' Saber***. Editora Record. Rio de Janeiro, 2007.
- BELLUZZO, Rosa. ***São Paulo Memória e Sabor***. São Paulo: Editora UNESP, 2008.
- FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. ***Homens livres na ordem escravocrata***. 3. ed. São Paulo: Kairós, 1983.
- JAPUR, Jamile. ***Cozinha tradicional paulista***. São Paulo: Folc-Promoções, 1963
- KARAM, Francisco. ***A moral profissional e a ética jornalística***. UFSC, Florianópolis, 2009. Disponível em: Acesso em: 28/10/2018.
- LEIVA, João. ***Cultura SP: hábitos culturais do paulista***. São Paulo: Tuva Editora, 2014.
- LINS, Consuelo; MESQUITA, Cláudia. ***Filmar o real: sobre o documentário brasileiro contemporâneo***. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- LOBATO, Monteiro. ***Cidades Mortas***. 20. ed. São Paulo: Brasiliense, 1978.
- LUCENA, Célia. ***Saberes e sabores do país de origem como forma de integração***. Cadernos CERU, série 2, v. 19, n. 1. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/11844/13621>> Acesso em: 23/05/2019
- NEPOMUCENO, Rosa. ***Música Caipira: da roça ao rodeio***. São Paulo: Editora 34, 1999.
- NICHOLS, Bill. ***Introdução ao documentário***. 5ª ed., 2010.
- OLIVEN, Ruben George. ***A parte e o todo. A diversidade cultural no Brasil-Nação***. Petrópolis: Vozes, 1992.
- PIRES, Cornélio. ***Conversas ao pé do fogo***. São Paulo: Editora Imprensa Oficial do Estado, 1987.



PUCCINI, Sérgio. ***Introdução ao roteiro de documentário***. Disponível em: <http://www.doc.ubi.pt/06/artigo_sergio_puccini.pdf> Acesso em: 29/10/2018

ROSENTHAL, Alan. ***Writing, directing, and producing documentary films and videos***. **Carbondale**. Southern Illinois University Press, 1996.

SATRIANI, Luigi M. Lombardi. ***Antropologia cultural e análise da cultura subalterna***. São Paulo: Editora Hucitec, 1986

APÊNDICES

Apêndice I – Autorizações de uso de imagem

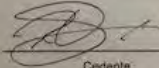
 

AUTORIZAÇÃO PARA CESSÃO DE USO DE IMAGEM E ÁUDIO

Eu, Renanildo Luis de Oliveira, portador do RG Nº 30.682.455-5 e CPF Nº 285.044.788-62 autorizo, prévia e expressamente, o uso de minha imagem e voz, bem como cedo os seus efeitos patrimoniais, nos termos do artigo 11 do Código Civil, para o Instituto Presbiteriano Mackenzie e para a Universidade Presbiteriana Mackenzie, sem qualquer custo, por tempo indeterminado, para utilização – sem fins lucrativos – em arquivos físicos e online, seja para consultas acadêmicas ou reproduções; em programas da TV Mackenzie; em programas de outras emissoras; e em demais veículos de comunicação, sejam eles eletrônicos ou impressos, desde que respeitem a finalidade educacional do trabalho para o qual assino esta autorização.

Para que surta os efeitos legais e estando de pleno acordo com esta autorização, firmo a presente, juntamente com duas testemunhas.



São Paulo, 01 de 09 de 2019


Cedente

Pai ou responsável (se for o caso)

Testemunhas:

Apêndice II – Autorizações de uso de imagem

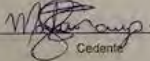
 

AUTORIZAÇÃO PARA CESSÃO DE USO DE IMAGEM E ÁUDIO

Eu, Matheus Gontijo Gonçalves Araújo, portador do RG N° 32046766-9 e CPF N° 33126384089 autorizo, prévia e expressamente, o uso de minha imagem e voz, bem como cedo os seus efeitos patrimoniais, nos termos do artigo 11 do Código Civil, para o Instituto Presbiteriano Mackenzie e para a Universidade Presbiteriana Mackenzie, sem qualquer custo, por tempo indeterminado, para utilização – sem fins lucrativos – em arquivos físicos e online, seja para consultas acadêmicas ou reproduções; em programas da TV Mackenzie; em programas de outras emissoras; e em demais veículos de comunicação, sejam eles eletrônicos ou impressos, desde que respeitem a finalidade educacional do trabalho para o qual assino esta autorização.

Para que surta os efeitos legais e estando de pleno acordo com esta autorização, firmo a presente, juntamente com duas testemunhas.

São Paulo, 01 de 09 de 2019.


Cedente

Pai ou responsável (se for o caso)

Testemunhas:

Apêndice III – Autorizações de uso de imagem

AUTORIZAÇÃO PARA CESSAÇÃO DE USO DE IMAGEM E ÁUDIO

Eu, Teresa Jane de Oliveira portador do
 RG N° 4.662.225 e CPF N° 019.114.218-00
 autorizo, prévia e expressamente, o uso de minha imagem e voz, bem como cedo os seus efeitos patrimoniais, nos termos do artigo 11 do Código Civil, para o Instituto Presbiteriano Mackenzie e para a Universidade Presbiteriana Mackenzie, sem qualquer custo, por tempo indeterminado, para utilização – sem fins lucrativos – em arquivos físicos e online, seja para consultas acadêmicas ou reproduções; em programas da TV Mackenzie; em programas de outras emissoras; e em demais veículos de comunicação, sejam eles eletrônicos ou impressos, desde que respeitem a finalidade educacional do trabalho para o qual essino esta autorização.

Para que surta os efeitos legais e estando de pleno acordo com esta autorização, firmo a presente, juntamente com duas testemunhas.



São Paulo, 01 de 05 de 2012.

Teresa Jane de Oliveira
 Credente

 Pai ou responsável (se for o caso)

Testemunhas:

Apêndice IV – Autorizações de uso de imagem

AUTORIZAÇÃO PARA CESSÃO DE USO DE IMAGEM E ÁUDIO

Eu, José Eugênio Filho, portador do RG Nº 29989728 e CPF Nº 337.743668-53, autorizo, prévia e expressamente, o uso de minha imagem e voz, bem como cedo os seus efeitos patrimoniais, nos termos do artigo 11 do Código Civil, para o Instituto Presbiteriano Mackenzie e para a Universidade Presbiteriana Mackenzie, sem qualquer custo, por tempo indeterminado, para utilização – sem fins lucrativos – em arquivos físicos e online, seja para consultas acadêmicas ou reproduções; em programas da TV Mackenzie; em programas de outras emissoras; e em demais veículos de comunicação, sejam eles eletrônicos ou impressos, desde que respeitem a finalidade educacional do trabalho para o qual assino esta autorização.

Para que surta os efeitos legais e estando de pleno acordo com esta autorização, firmo a presente, juntamente com duas testemunhas.



São Paulo, 14 de 09 de 2019.

José Eugênio Filho
Cedente

Pai ou responsável (se for o caso)

Testemunhas:

Apêndice V – Autorizações de uso de imagem

AUTORIZAÇÃO PARA CESSÃO DE USO DE IMAGEM E ÁUDIO

Eu, Rosa Maria Antunes, portador do
RG Nº 8.380.190-X e CPF Nº 19476738/82
autorizo, prévia e expressamente, o uso de minha imagem e voz, bem como cedo os seus efeitos patrimoniais, nos termos do artigo 11 do Código Civil, para o Instituto Presbiteriano Mackenzie e para a Universidade Presbiteriana Mackenzie, sem qualquer custo, por tempo indeterminado, para utilização -- sem fins lucrativos -- em arquivos físicos e online, seja para consultas acadêmicas ou reproduções; em programas da TV Mackenzie; em programas de outras emissoras; e em demais veículos de comunicação, sejam eles eletrônicos ou impressos, desde que respeitem a finalidade educacional do trabalho para o qual assino esta autorização.

Para que surta os efeitos legais e estando de pleno acordo com esta autorização, firmo a presente, juntamente com duas testemunhas.

São Paulo, 14 de 09 de 2019

Rosa Maria Antunes
Cedente

Pai ou responsável (se for o caso)

Testemunhas:

